

# Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 5)

Serra do Pilar, 8 fevereiro 2018

**P.** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

**R. *Ámen!***

**P.** Senhor, vinde em nosso auxílio!

**R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!**

**P.** Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

**R. Como era no princípio, agora e sempre. *Ámen!***

## **Leitura do Evangelho de Marcos 3,1-6**

Numa outra vez, Jesus entrou na sinagoga, e estava ali um homem que tinha uma das mãos paralisada.

E observavam Jesus a ver se ele o curaria num sábado, com o fim de o acusarem.

Jesus disse ao homem que tinha a mão paralisada: *Levanta-te e vem para aqui, para o meio.*

E perguntou-lhes: *É lícito no sábado fazer bem, ou fazer mal?, salvar a vida, ou matá-la?* E eles calaram-se.

E, olhando para eles em redor, com indignação, condoendo-se da dureza do seu coração, disse ao homem: *Estende a tua mão.* E ele estendeu-a, e foi-lhe restituída a sua mão, sã como a outra.

Assim que saíram, os fariseus reuniram-se com os herodianos contra ele, procurando ver haveriam de o matar.

## **Salmo 38 - Oração de um Salmista doente**

**Provai e vede como o Senhor é bom!**

Não me repreendas, Senhor, com a tua ira  
nem me castigues com o teu furor.

Feriste-me com as tuas setas  
e atiraste-me por terra!

No meu corpo, não ficou nada sã;  
dos meus ossos, nenhum ficou inteiro,  
por causa da tua ira,  
por causa das minhas culpas!

Estou afogado no mar dos meus pecados,  
eles são carga demasiado pesada para mim;  
as minhas chagas são fétidas e purulentas,  
por causa da minha loucura!

Todo o dia ando triste, cabisbaixo e deprimido,  
estou a arder de febre tenho todo o corpo doente;  
estou fraco e alquebrado,  
grito muito alto as queixas do meu coração!

Senhor, tu conheces os meus desejos,  
os meus suspiros não são segredo para ti!  
O meu coração palpita forte;  
até a luz dos olhos, infelizmente, me falta!

Meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça,  
os meus parentes conservam-se à distância;  
os que querem tirar-me a vida preparam-me armadilhas,  
insultam-me os que me querem perder e tramam-me maquinações!

Eu, porém, faço-me de surdo e não dou ouvidos,  
simulo mudez e não abro a boca!  
Sou como o que não ouve  
e não pode falar em sua defesa!

Porque eu confio em ti, Senhor,  
e tu me respondes, meu Deus!  
Uma coisa te peço: não permitas se riam de mim,  
não deixes que zombem, vitoriosos, da minha queda!

Na verdade, eu estou prestes a cair,  
a minha dor não me larga um momento.  
Vou confessar os meus pecados  
porque eles me encham de inquietação!

Os meus inimigos mortais são poderosos,  
são muitos os que me odeiam sem razão!  
Eles pagam-me o bem com o mal  
e voltam-se contra mim, que procuro fazer o bem!

Não me abandones, Senhor;  
meu Deus, não te afastes de mim;  
Senhor, minha Salvação,  
socorre-me e salva-me!

Glória ao Pai, o Deus compreensivo,  
ao Filho, Jesus, o redentor,  
e ao Espírito que transforma os corações  
e que é a certeza da nossa Libertação!

## **Os doentes da Galileia**

Em cada cultura se viveu a doença de maneira diferente. Não é o mesmo adoecer numa sociedade ocidental dos nossos dias ou estar enfermo na Baixa Galileia dos anos trinta do século I. A doença não é só um facto biológico. E ao mesmo tempo uma experiência que o doente interpreta, vive e sofre de acordo com o modelo cultural da sociedade em que vive. Como é que se vivia a doença naquelas aldeias que Jesus percorria? De que modo afetava aqueles camponeses? Como era a reação dos seus familiares e vizinhos? Que se fazia para recuperarem a saúde?

Os doentes de quem Jesus se aproximava padeciam doenças próprias dum país pobre e subdesenvolvido: entre eles, havia cegos, paralíticos, surdos-mudos, doentes da pele, dementes. Muitos eram doentes incuráveis, abandonados à sua sorte e incapacitados para ganharem o seu sustento. Viviam arrastando a sua vida em situação de mendicância que roçava a miséria e a fome. Jesus encontrava-os caídos nos caminhos, à entrada das povoações ou nas sinagogas, a tentarem comover o coração das pessoas.

Estes camponeses entendiam a sua doença não tanto como um mal orgânico, mas como uma incapacidade para viverem como os outros filhos de Deus<sup>6</sup>. A maior desgraça dos cegos era não poderem captar a vida que os rodeava. Fechando-se-lhes os olhos, fechava-se-lhes a passagem que dá acesso ao interior da pessoa. O cego perdia o contacto com a realidade. Não podendo contemplar nem os rostos nem os campos, tornava-se-lhe mais difícil pensar com perspicácia, avaliar as coisas, amar as pessoas. A infelicidade dos surdos-mudos era a sua incapacidade para comunicarem com os outros. Não podiam ouvir a mensagem dos outros nem exprimir a sua. Não podiam falar, abençoar nem cantar. Fechados no seu isolamento, só se escutavam a si mesmos. A desdita dos paralíticos, incapazes de usarem as suas mãos ou os seus pés, era não poderem trabalhar, movimentar-se ou agir. Não podiam caminhar nem peregrinar a Jerusalém. Não podiam abraçar nem dançar. O que anelavam estes doentes não era só a cura de um mal, mas o poderem usufruir, como todos os outros, de uma vida mais plena.

Os leprosos suportavam a sua doença de uma maneira diferente. Na realidade, não eram vítimas da "lepra" que hoje conhecemos, mas gente afetada por diversas doenças da pele (psoríase, tina, erupções, tumores, eczemas...) que, quando alastram por todo o corpo, são repugnantes<sup>7</sup>. A tragédia destes doentes não consistia tanto no mal que desgarrava fisicamente o seu corpo, mas na vergonha e na humilhação de se sentirem sujos e repulsivos de quem todos fugiam. O verdadeiro drama deles era não se poderem casar e ter filhos, não poderem participar nas festas e nas peregrinações, ficarem condenados ao ostracismo.

Também os doentes da Galileia, como todos os outros, faziam a pergunta que brota espontaneamente do fundo de qualquer grave enfermidade: Porquê? Porquê eu? Porquê agora? Aqueles camponeses não consideravam o seu mal desde o ponto de vista médico, mas desde uma perspectiva religiosa. Não se detinham em procurar a origem da sua doença em algum factor de carácter orgânico. O que os preocupava, sobretudo, era o que aquele mal significava. Se Deus, o criador da vida, lhes retirava o seu espírito vivificador, era sinal de que os estava a abandonar. Porquê?

Segundo a mentalidade semita, Deus estava na origem da saúde e da doença. Ele dispunha de tudo como senhor da vida e da morte. Por isso, os israelitas entendiam que uma vida forte e vigorosa era uma vida abençoada por Deus, e uma vida doentia, lesada ou mutilada, era uma maldição. Nas aldeias que Jesus visitava, a gente via, normalmente, na cegueira, na lepra ou em qualquer outro tipo de enfermidade grave, o castigo de Deus por algum pecado ou infidelidade<sup>9</sup>. Ao invés, a cura era sempre vista como uma bênção de Deus. Por isso, como Deus não quer a morte do pecador, senão que ele se converta e viva, o povo de Israel esperava que a

intervenção final de Deus trouxesse uma vida cheia de saúde para todos: “Nenhum habitante de Jerusalém dirá: ‘Estou doente’, porque o povo que lá habitar terá o perdão das suas culpas”.

Estes doentes, considerados como abandonados por Deus, provocavam dentro do “povo eleito” mal-estar e perturbação. Por é que Deus não os abençoava como aos outros? Por que é que lhes retirava o seu alento de vida? Seria, com certeza, porque a vida deles não lhe era agradável. Por isso, a presença deles no “povo santo” de Deus era vigiada. Era melhor mantê-los excluídos, em maior ou menor grau, da convivência religiosa e social. Segundo a tradição de Israel, os coxos e os cegos não haviam de entrar na casa de Deus<sup>11</sup>. Nos escritos de Qumran, esta exclusão era muito mais acentuada: os cegos e os coxos eram considerados como pouco respeitáveis, pois “quem não vê nem ouve, não sabe respeitar a lei”. Os cegos deviam ser excluídos não só do templo, mas também da cidade de Jerusalém: “Nenhum cego entrará nela durante toda a sua vida; não profanará a cidade santa em cujo centro habito eu”<sup>12</sup>. A exclusão do templo, lugar santo onde Deus habitava, fazia lembrar aos doentes, de maneira implacável, aquilo que já tinham percebido no fundo da sua doença, isto é, que Deus não os amava como aos outros.

Os “leprosos”, por seu turno, eram separados da comunidade não por temor ao contágio, mas porque eram considerados “impuros” e que podiam contaminar os que pertencessem ao povo de Deus. A prescrição era cruel: “O leproso atingido por tal afeição deve (...) gritar: ‘Impuro!... Impuro!’ Enquanto conservar a chaga, será impuro, viverá isolado, e a sua residência será fora do acampamento”. Numa sociedade como a da Galiléia, em que o indivíduo só podia viver integrado na sua família e na sua aldeia, essa exclusão significava uma tragédia. A maior angústia do leproso era pensar que talvez nunca mais pudesse voltar à sua comunidade.

Abandonados por Deus e pelos homens, estigmatizados pelos seus vizinhos, excluídos de boa parte da convivência, esses doentes constituíam, provavelmente, o sector mais marginalizado da sociedade. Mas, estariam, realmente, abandonados por Deus, ou teriam um lugar privilegiado no seu coração de Pai? O dado histórico era inquestionável. Jesus dedicava- -se mais a eles do que aos outros. Aproximava-se daqueles que se consideravam abandonados por Deus, tocava os leprosos que ninguém tocava, despertava a confiança naqueles que não tinham acesso ao templo e integrava-os no povo de Deus, tal como ele o entendia. Esses tinham que ser os primeiros a experimentar a misericórdia do Pai e a chegada do reino. A sua cura era a melhor “parábola” para que todos compreendessem que Deus era, antes de mais nada, o Deus dos que sofriam o desamparo e a exclusão.

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 158-161)

### **Oremos (...)**

Livra-nos, Senhor, das quimeras e mitos modernos, / como nos livraste dos ídolos e dos mitos antigos. / A desordem da inteligência multiplica, / hoje como ontem, / desigualdades, vaidades e horrores / que enchem a terra de misérias. / Mas o teu Cristo está connosco. / Aconteça o que acontecer, não teremos medo / dos demónios dos homens. / Mas sustenta a nossa fé!

**Âmen!**